



O HAITIANISMO NO BRASIL E O MEDO DE UMA ONDA REVOLUCIONÁRIA

Claudineide Rodrigues Lima Sampaio

Especialista em História do Nordeste Brasileiro pela UNICAP

claudineide.sampaio@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho propõe explorar como a influência da revolução haitiana, insurgência escrava do final dos setecentos, ocorrida na ilha caribenha de São Domingos e com grande repercussão nas sociedades escravagistas, esteve presente na atuação dos negros no Brasil. O haitianismo se tornou o termo que definiria a influência dessa revolução sobre a ação política dos negros, sobretudo no continente americano. Presente no imaginário social e em muitos eventos oitocentista, a cada onda rebelde escrava seja no Rio de Janeiro ou nas demais regiões com elevado número de escravos como Bahia e Pernambuco temia-se que o exemplo revolucionário se repetisse aqui. Tema bastante explorado pela historiografia, aqui procuramos debruçar sobre a repercussão da referida revolução no Brasil, que de certa forma, pôs em sobressalto os senhores escravocratas que não mediram esforços para barrar tais motins pondo assim em evidência todo o aparato repressivo do governo conseguindo sufocar os instintos rebeldes da escravatura e afugentar o perigo de uma onda revolucionária.

PALAVRAS-CHAVE: REVOLUÇÃO HAITIANA; ESCRAVIDÃO; MOTINS.

O período de transição do século XVIII para o século XIX, foi assinalado por transformações políticas e ideológicas tanto na Europa quanto no continente americano, onde muito se discutiu sobre a liberdade e igualdade do homem e da nação. A revolução francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão criou o cenário favorável para tais discussões, em consequência, palavras “perigosas” para a ordem escravocrata vigente, como “liberdade” e “revolução” se tornavam íntimas e frequentes nos mais variados discursos,



principalmente nos de descolonização.

O conjunto de transformações políticas ocorridas na passagem do século XIX conduziu algumas colônias do continente americano à liberdade. Um dos processos de independência que marcaram profundamente o início dos anos de 1800 foi o da ilha caribenha de São Domingos, ex-colônia francesa. A revolução que se iniciou no ocidente da ilha em 1791 possuiu características únicas, como a eliminação dos brancos e o domínio negro em todas as esferas de controle do país, a sua repercussão ultrapassou a barreira do continente e foi comentada em toda parte do mundo onde, de alguma forma, se lucrava com o sistema escravista de produção.

A independência do Haiti, nome dado a São Domingo, revelou ser possível o que antes era apenas conjecturas; uma sublevação vitoriosa de escravos e negros. O mundo escravista recebeu o sucesso da revolução haitiana como um alerta, um aviso do que poderia vir a acontecer nas demais colônias latino-americanas, as quais também possuíam um expressivo percentual de negros em seu contingente populacional, sendo este, um dos fatores que possibilitou o sucesso da revolução antilhana.

No Brasil, os conflitos entre escravos e senhores não era nenhuma novidade, a resistência escrava começou no mesmo instante em que os negros aportaram aqui como escravos. Poucos anos antes do Haiti se declarar oficialmente independente, eclode na Bahia em 1798, um levante onde a participação de escravos e ex-escravos se fez notória. Na bibliografia pesquisada não há menção se os escravos e ex-escravos envolvidos no que ficou conhecido como, a Conjuração Baiana, tinham conhecimento das vitórias que os negros de São Domingos iam conquistando em 1798. Mas, de uma forma ou de outra, os escravos e negros do Brasil possuíam uma rede de comunicação bem articulada, onde informações tanto internas quanto internacionais



corriam de vento e poupa driblando a vigilância das autoridades. (MOTT, 1982, p.58).

As reivindicações dos escravos no Brasil já eram recorrentes antes do exemplo bem sucedido do Haiti, mas, conforme a notícia da vitória dos negros sobre os brancos alcançava a mais e mais ouvidos, as reivindicações dos escravos tomaram um tom mais exigente. Os negros que antes de 1800 entoavam nas revoltas pedidos de maiores benefícios e menos castigos, foram encorajados pelos heróis haitianos, aos quais chamavam pelo nome sem medo, a exigir a liberdade. A revolução haitiana contribuiu de duas formas para o aumento e a intensidade dos movimentos negros, primeiro; deu aos escravos e negros livres, não só do Brasil, mas de todo mundo atlântico, a certeza de que era sim possível inverter a ordem que até então colocava os negros sob as botas dos brancos. Segundo; assim como havia motivos para que o Haiti fosse um exemplo a ser seguido, havia também motivos para ser evitado, com a independência o Haiti não conseguiu reorganizar sua política e economia e acabou levando o país ao declínio, dessa maneira não foi possível se manter como um dos maiores exportadores de açúcar e de café.

Para as elites proprietárias, a revolução de São Domingos unificou todas as ameaças em um só corpo e uma só cor, o negro. Enquanto para os escravos a revolução propagou uma onda de liberdade, para as elites propagou apenas o medo. O "medo negro" foi uma das características que marcaram o período após a revolução haitiana (FONTELLA, 2007, p. 68), com ele, a vigilância e a repressão aos escravos e aos seus momentos de confraternização foram reforçados a ponto de serem considerados exagerados. Manter o controle da população negra não era mais uma questão de mera ordem social, mas de preservação do homem branco.



Os efeitos da revolução haitiana tiveram longo alcance, os acontecimentos no Haiti foram notícias nas principais potências da época deixando as metrópoles receosas que uma “onda negra” revolucionária varresse todas as colônias latino-americanas extinguindo de qualquer forma a escravidão e tomando o poder das mãos das elites.

O haitianismo se tornou o termo que definiria a influência da Revolução Haitiana sobre a ação política de negros, mulatos escravos e livre nos quatro cantos do continente americano (REIS, p. 5). Avançando pelo século XIX, rumores de revoltas que buscavam a liberdade dos escravos faziam o fantasma do haitianismo despertar. Em 11 de dezembro de 1835 o ministro da Justiça aconselhava o chefe de polícia da Corte que procurasse com todo esmero e cuidado descobrir se algumas sociedades ou indivíduos nacionais ou estrangeiros estariam protegendo o plano de insurreição em terras brasileiras (SOARES; GOMES, p.138).

Não foi possível acontecer no Brasil um levante que se assemelhasse ao que houve em São Domingo, pois os cenários políticos e sociais eram diferentes, impossibilitando que as condições que favoreceram a revolução na colônia francesa existissem no Brasil. No entanto, o aquecimento da economia brasileira em virtude da alta demanda do mercado externo o fez com que o contingente negro tivesse um aumento expressivo dificultando o controle e a vigilância dos escravos.

Com o despertar do fantasma do haitianismo e uma população de escravos que só tendia a aumentar rumores de revoltas e pequenos levantes foram surgindo nas regiões onde se tinha maior importação de escravos africanos como Bahia, Pernambuco, Sergipe e Maranhão. A admiração dos escravos pelos heróis haitianos se fez notar não apenas na capital o Rio de Janeiro, onde em 1805 os negros desfilavam



pelas ruas com medalhões pendurados sobre o peito com o rosto de Jacques Dessalines o líder que oficializou a independência do Haiti (SOARES;GOMES, p.139), no Maranhão em 1865, o presidente da província informa ao ministro da justiça que havia negros livres com certo grau de instrução e que estariam cientes das ideias de emancipação dos escravos que haviam se manifestado nos últimos tempos e isso representava uma ameaça uma vez que a província tinha um contingente populacional de escravos superior ao da população livre, o que “constituía um perigo por si só”. A reação do presidente da província do Maranhão na segunda metade do século XIX revela como o haitianismo permaneceu presente na memória tanto dos escravos que o tinham como inspiração quanto para as autoridades que o viam com temor.

Para os escravos do Brasil oitocentista, o discurso de liberdade e igualdade que se fazia no momento também era o seu, pois se todo homem e toda nação tinha o direito à liberdade a escravidão estaria com seus dias contados. No entanto, na prática, esses princípios não se estendiam a população escrava, evidenciando assim a contrariedade presente entre os homens livres que acabariam se dividindo com o aumento dos movimentos abolicionistas no decorrer do século (REIS, p.5). Os escravos não estavam alheios a hipocrisia da elite branca que se encontrava em oposição a palavra da vez, liberdade.

Apesar de muito pronunciada, a palavra liberdade possuía endereço certo e este passava bem longe das senzalas, mas nem por isso os escravos deixaram de se apropriar dela. Se antes de 1800, quando não se tinha uma expressiva expansão dos produtos agrícolas destinados à exportação, os escravos visavam em seus momentos de revolta maior flexibilidade e maiores benefícios, os escravos de 1800 incentivados pelos recém chegados da África, buscavam o fim definitivo



do regime escravista (REIS, p. 4).

A classe dominante que conduziu a independência do Brasil e tratou da organização do estado nacional, se viu encurralada diante da repercussão do sucesso da revolução do Haiti. Pois, perceberam que a continuidade do discurso que havia tomado conta do continente americano devia cessar antes que inflamassem as gentes de cor.

Todos os brasileiros, e, sobretudo os brancos, não percebem suficientemente, que é tempo de se fechar a porta aos debates políticos, às discussões constitucionais? Se se continua a falar dos direitos dos homens de igualdade, terminar-se-á por pronunciar a palavra fatal: liberdade, palavra terrível e que tem muito mais força num país de escravos do que em qualquer outra parte. Então, toda a revolução acabará no Brasil com o levante dos escravos, que quebrando suas algemas, incendiarão as cidades, os campos e as plantações, massacrando os brancos, e fazendo deste magnífico império do Brasil uma deplorável réplica da brilhante colônia de São Domingos (MOTT, 1982, P.59)

Em diversos movimentos emancipacionistas na América latina, os escravos eram introduzidos na luta armada, o que com os acontecimentos de Saint-Domingue se fez com maior cautela. Em 1817, na província de Pernambuco eclode um movimento emancipacionista de grande repercussão internacional que se manteve vitorioso por 74 dias, tal movimento, assim como os demais no Brasil se diziam de cunho liberal, pregando o discurso da liberdade e antiescravista. Mas, durante a Revolução Pernambucana pouco foi feito em relação aos escravos, pois a revolução que era liberal, mas não abolicionista, não pode dar um fim imediato ao trabalho escravo (CABRAL, 2004,p. 93).

No dia 2 de Abril, na oração da consagração da bandeira da revolução Pernambucana de 1817 se proferiu a seguinte mensagem:

Soldados da Pátria, ontem escravos, hoje sois livres; as duras algemas que arrochavam e tornavam inúteis vossos valentes pulsos se despedaçaram, o doce liberdade que a verdadeira partilha do homem



sentimental, está já em vosso poder(FRANÇA, 2014, p.29)

A questão sobre a implantação do trabalho livre no Brasil ganhou espaço no decorrer do tempo, mas nunca foi uma questão tranquila e sem embates. Neste mesmo levante muito se discutiu sobre a participação dos escravos na guerra, analisando de acordo com a experiência apresentada pela revolução haitiana, que essa introdução serviria de aprendizado para os escravos, os quais adquiririam conhecimentos para posteriormente se sublevarem, e pior, que se apoderassem da liberdade que o movimento reclamava (CABRAL, 2004, p.94).

Diferente do que se pensava, os escravos não estavam alheios aos acontecimentos políticos internos e externos, apenas um ano após a independência do Haiti, nas ruas da capital Rio de Janeiro, já havia escravos enaltecendo o herói haitiano Jacques Dessalines e falando livremente sobre liberdade (MOTT, p. 57), esse episódio não se restringiu a capital, se repetiria em várias regiões.

Para Carlos Guilherme Mota, o cenário de inquietação social e as transformações ideológicas iniciado nos fins do século XVIII no Brasil não são frutos apenas dos princípios vindos de fora, como a já mencionada Revolução Francesa, fatores de transformação interna têm igual responsabilidade:

O estabelecimento de novos núcleos de interesses, o enfraquecimento dos laços sociais existentes na metrópole e de bases tradicionais propiciaram novas visões de mundo, que nem sempre eram percebidas pelas autoridades colonizadoras (MOTT,1982,p. 37)

Assim como as autoridades colonizadoras, como denominou Mott, não percebiam que perdiam força de influência sobre os colonos, também não percebia que era durante a cisão política entre os brancos,



entre a elite proprietária, onde os movimentos dos negros ganhavam força e espaço para acontecer.

Em consequência ao aquecimento do comércio e da escravidão no Brasil, devido ao declínio econômico do Haiti após a independência, Pernambuco teve uma alta na sua importação de escravos, assim como as demais regiões nordestinas. O ápice no comércio de escravos em Pernambuco se deu nas duas primeiras décadas do século XIX, tendo entre 1801 e 1823 uma média de 150.000 escravos desembarcados na província e entre 1835 a 1850 12.512 escravos. Pernambuco só ficava atrás no comércio de escravos para a Bahia e Rio de Janeiro. Esse contingente de escravos não estava todo destinado ao trabalho na produção dos produtos para a exportação, a escravidão estava difundida em todo o território nacional conformando quase todas as instituições sociais, tanto no campo quanto na cidade havia grande quantidade de pequenos escravistas (REIS, p. 2).

Os escravos estavam presentes em todos os ambientes ouvindo e vendo sobre tudo, aproveitavam os momentos de confraternização para compartilhar com outros escravos as informações que adquiriam nas ruas, nos mercados e nas casas de seus senhores, principalmente nos festejos religiosos e nos domingos de folga. É essa rede de comunicação entre os escravos de diferentes regiões que chama a atenção nos movimentos que eclodiram no nordeste brasileiro nos anos de 1800. As informações sobre os levantes e líderes dos movimentos chegavam depressa a outros núcleos de escravos os quais comentavam e espalhavam boatos por todos os lados (CABRAL; COSTA, 2012, p. 93).

De acordo com a bibliografia consultada, em Pernambuco, os levantes e conspirações maquinados pelos negros ocorrerem após a independência do Brasil. Não significa dizer que os escravos de movimentos anteriores não foram, de certa forma, influenciados pelo



haitianismo, pois como já mencionado toda a ação negra no continente americano estava influenciada de certa pelo ocorrido em São Domingo. É o caso do levante das tropas de pardos e negros comandados por Pedro da Silva Pedroso em 1823, movimento este que ficou conhecido na historiografia brasileira como a Pedrosada.

Pedroso foi um mestiço de cor parda, pertencente ao serviço militar pernambucano onde alcançou elevados cargos no decorrer de sua carreira e personagem já conhecido de revoltas anteriores, como em 1817 na Revolução Pernambucana, onde teve notória participação, sem a liderança milita de Pedroso provavelmente os rebeldes não teriam conquistado a província (FRANÇA, 2014, p. 96). Em 1823, Pedroso já não demonstrava mais o mesmo desejo antilusitano e republicano de 1817, mas a sua capacidade de aglutinar os negros e mulatos permaneceu. No início de Fevereiro de 1823, Pedroso colocou Recife em pleno pavor ao liderar um levante de militares e demais gentes de cor contra todos os brancos os quais eram pejorativamente chamados de “caiados”. Durante o motim as ruas do Recife e seus arredores foram tomados por grande tumulto, diversas casas foram alvejadas com tiros de mosquetaria enquanto os amotinados aos plenos pulmões gritavam versos ameaçadores que diziam “Marinheiros e Caiados”, eram assim que chamavam os portugueses e os brancos, “todos vão se acabar porque só pardos e prestos o Brasil hão de habitar” (CARVALHO, 1998, p. 6).

Esses versos entoados pelas gentes de cor comandadas por Pedroso revela como as cenas da revolução haitiana estavam vivas entre os negros assim como o desejo de copiá-las. As testemunhas que foram ouvidas no inquérito instaurado pelas autoridades logo após o fim do levante relatam que o intuito de Pedroso era fazer eclodir em Pernambuco “uma revolução como a de São Domingo” e estabelecer o “sistema da Ilha de São Domingos, na qual os escravizados revoltados



triumfaram sobre os seus antigos senhores” e continuaram relatando que a cada passo nas ruas do Recife se ouvia “descaradamente a cada esquina e canto os cabras e negros” assim como, “os mais ridículos moleques e até cativos” o canto e a “fala na Ilha de São Domingos, e que toda esta terra pertencia mais a eles pretos e pardos do que aos brancos (FRANÇA, p. 10)”.

A Pedrosada não resistiu e ao fim do conflito Pedroso foi preso, mas as tensões entre brancos e negros não se abrandaram e em 1824, pouco antes de eclodir a Confederação do Equador, os negros e escravos se aglutinaram no bairro do Recife ameaçando saquear as lojas que pertenciam aos brancos e aos portugueses na cidade. O que chama atenção nessa revolta é o quanto a população negra sabia sobre os acontecimentos da Revolução Haitiana, nos versos cantados enquanto ameaçavam saquear as lojas “Qual eu imito a Cristovam, esse imortal haitiano” faziam claras referências ao ex-escravo Henri Cristophe (Cristovão como era chamado no Brasil), que até 1820 governou a parte norte da ilha de São Domingo, e “Eia! Imitai a seu povo” e “Oh, meu povo soberano” revela que a vontade de se reproduzir os eventos haitianos permanecia acesa entre os negros e escravos” (CARVALHO, 19989, p. 7).

Ainda no Recife, agora em 1840 denúncias sobre uma suposta insurreição de escravos levaram as autoridades a invadir a casa do líder religioso, o negro Agostinho José Pereira onde foram encontrados papéis que mencionavam a revolução haitiana e tal a insurreição, encontraram também uma bíblia a qual tinha grifadas as partes onde se falava do fim da escravidão. Ficou comprovado que o religioso era um perigoso elemento de difusão das ideias sediciosas que ao longo de todo o século XIX amedrontaram os brancos de Pernambuco.

Outro centro urbano que recebeu uma grande quantidade de escravos durante o aquecimento econômico brasileiro nos anos de



1800 foi a Bahia e a consequência desse elevado nível de importação de escravos africanos foi a recorrente emergência de revoltas. A Bahia não ficou de fora do boom que foi o XIX para escravidão, pelo contrário, ela e o Rio de Janeiro encabeçava a lista de maiores importadores de mão de obra escrava africana, calcula-se que cerca de um milhão e trezentos mil escravos africanos desembarcaram no porto de Salvador desde o século XVI até 1850 (RIBEIRO, 2005, p. 2).

O presidente da Bahia, João Severiano Maciel da Costa foi um dos grandes difusores do perigo do haitianismo no Brasil, não deixava passar a oportunidade de falar sobre o perigo que o exemplo haitiano representava para os negros que se tornavam cada vez mais numerosos. O presidente ao dizer que “Roma teve de combater dez vezes seus escravos e venceu; São Domingos sucumbiu” buscou mostrar que não importava a quantidade de pequenos levantes de escravos que surgirem, o problema estava na quantidade de escravos que havia no Brasil e que seu elevado contingente resultaria em sérios problemas do mesmo modo que resultou em São Domingo (NASCIMENTO, 2007, p. 477).

Em consequência ao elevado contingente populacional de negros como havia alertado o presidente da província, em 1814 uma revolta ganha grande repercussão nacional. Em Itapoã, houve um levante dos escravos que trabalhavam nas pescarias, mas como todo o aparato repressivo estava em alerta desde a revolução haitiana, a sublevação foi sufocada e o saldo de mortes foi de 13 brancos e 56 negros evitando maiores baixas para a população branca. Após o fim do levante, os comerciantes baianos escreveram ao Governo Central para deixá-lo ciente sobre as ações dos escravos durante o referido levante. Na correspondência dos comerciantes, havia a denúncia de que os negros do levante falavam abertamente sobre suas revoltas e sobre os acontecimentos do Haiti, expressando a finalidade do levante e que



quando acabasse “não haveria sequer um branco ou mulato vivo” (MOTT, p. 58).

Ainda na Bahia, agora em 1822, segundo o comandante militar de Salvador que acreditava que “a Bahia estava próxima a repetir o horroroso quadro que apresenta a ilha de São Domingo” os escravos baianos achavam que já haviam conseguido a liberdade das cortes e do rei de Portugal devido a agitadores que andavam:

Infundindo nos escravos as ideias mais luciferinas para se sublevarem, declarando-lhes, que se achão libertos não só em virtude do systema constitucional, mas por decretos d´El Rei, que seus senhores têm sonogado[...] acharem-se os escravos de tal forma seduzidos, que, desprezando a obediência, inculcão no seu modo de proceder huma próxima sublevação. (REIS, ..p. 8)

De acordo com João José Reis, na Bahia o período de revoltas mais intensas foi entre 1807 a 1835 os quais repercutiram em todo o Brasil fazendo senhores temerem e os escravos aplaudirem e copiarem. Os escravos baianos foram expostos as influências de revoltas vindas dos africanos importados como escravos, que transplantaram para a Bahia as rivalidades tribais ocorridas na África e as influências da bem-sucedida ilha do Caribe.

Durante os tumultos da independência na Bahia, temia-se fervorosamente que o evento de São Domingos se repetisse ali, não menosprezando o potencial revolucionário dos escravos baianos. As alarmantes notícias sobre os frequentes levantes escravos na Bahia chegaram a Portugal através de cartas que diziam “Se faltasse a tropa, eram outros São Domingos (REIS, p. 7).

Não foi apenas os centros urbanos como a Bahia e Pernambuco que serviram de palco para os levantes negros de influência haitiana e africana, Sergipe também teve cenas semelhantes ensaiadas em seus territórios, por intermédio de agitadores vindos da Bahia como foi o



caso do advogado e mulato Antônio Pereira Rebouças, o qual Luiz Mott define como “acusado de pertencer a uma secretíssima “ Sociedade Gregoriana” cujo objetivo não era outro se não o de instigar a guerra contra os brancos, tornando as gentes de cor os novos donos do poder (MOTT, p. 64).

Foi na vila de Laranjeiras, o principal centro comercial e onde vivia a maior colônia lusitana da província de Sergipe, que no amanhecer do dia 26 de junho de 1824 acordou com as portas de seus principais estabelecimentos adornados com pasquins que diziam “Vivam mulatos e negros. Morram os marotos e caiados”, ou seja, morram portugueses e brancos (MOTT, p 64), evidenciando o desejo dos negros daquela localidade em replicar a violência exercida aos brancos de São Domingos. Na mesma vila, na casa do advogado Antônio Rebouças, foi organizado um jantar de “Mata-Caiados”, onde elogios em alto e bom tom foram feitos ao “rei do Haiti” e a enaltecida “São Domingos, a grande São Domingos”. Esse acontecido se espalhou no zum-zum-zum dos boatos pelas ruas da vila, fazendo com que as autoridades entrassem em contato com o Governador das Armas de Sergipe para alertá-lo do perigo que rondava a vila. Na correspondência as autoridades diziam:

Senhor Governador das Armas. Alerta. Uma pequena faísca faz um grande incêndio. O incêndio já foi lavrado. No jantar que deram nas Laranjeiras os “Mata-Caiados” se fizeram três saúdes: a primeira a extinção de tudo quanto é do reino, (...) a segunda a tudo quanto é branco do Brasil (...) a terceira a igualdade de sangue e de direitos(...)

Um menino R..... Irmão de outro bom menino fez muitos elogios ao Rei de Haiti, e porque não o entendiam, falou mais claro: São Domingos, o grande São Domingos (...). Alerta. Alerta. Acudir enquanto é tempo (NASCIMENTO, 2007, p. 472)



As inquietações escravas presentes também no Maranhão fizeram com que as autoridades temessem a réplica do exemplo do Haiti por lá. A revolta no município de Viana em 1867, que ameaçava efetuar o massacre aos brancos foi levantada por escravos do quilombo São Benedito que desceram as senzalas das fazendas para insuflar os escravos locais. Para João José Reis, a data avançada deste episódio mostra que o haitianismo representou uma influência de longa duração no território brasileiro.

Os eventos do Haiti combinados com a conjuntura brasileira favorável a revoltas articulam-se, e juntas formaram a mola impulsionadora da dinâmica dos revoltosos, isto é, a esperança, senão mesmo a certeza, de uma vitória próxima. O período de transformações tanto políticas quanto ideológicas, desencadeou o fator necessário não apenas para simples revoltas, mas para a Revolução, e uma vez desencadeado, o fator revolucionário dá um ímpeto especial a imaginação social que alimenta tanto os heróis quanto os monstros que são criados ao longo dos conflitos.

A definição de medo feita por Delumeau, em seu estudo sobre "O Medo no Ocidente", onde diz que "no sentido estrito e estreito do termo, o medo é uma emoção, frequentemente precedida de surpresa" define o sentimento que invadiu as elites proprietárias do Brasil oitocentista quando o surpreendente sucesso do Haiti chegou as portas das senzalas e aonde quer que houvesse insatisfação negra provocado "pela tomada de consciência de um perigo que ameaça a conservação" de uma ordem social. Durante quase todo o século, foi possível se deparar com um imaginário construído a partir do medo ou da insegurança erguida pelos embates violentos e constantes entre uma diminuta elite e uma sólida massa de negros, pardos e escravos, os quais só tendiam a aumentar. Entre esses conflitos estão os inimigos



reais e aqueles “simplesmente potenciais” (AZEVEDO. 2004, p.28)

Para uma classe que se via ameaçada, como era a elite proprietária brasileira, não se fazia muita distinção entre os perigos reais, os potenciais e os imaginários. Quando a sobrevivência de toda uma ordem social estava em risco, não havia tempo para se medir o tamanho da ameaça, pois ela sempre seria a maior possível, ou sua veracidade. As coisas funcionavam de acordo com o dito popular; “onde há fumaça, há fogo”, nesse caso a fumaça seria o zum-zum-zum dos boatos que rápidos se espalhavam e o fogo era a revolta escrava. O viajante Tollenare relatou um desses casos ao chegar no Recife em 1815, em conversas, soube que em 1814 havia ocorrido uma suposta conspiração dos negros e a repressão teria sido exagerada, pois se tratava apenas de rumores, o resultando final da repressão foi a execução dos envolvidos (CARVALHO, p. 2). Mas, como diz Delumeau:

O vazio de poder é um fenômeno ambíguo. Deixa livre o caminho de forças que permaneciam comprimidas enquanto a autoridade era sólida. Abre um período de permissividade que desemboca na esperança, na liberdade (.p.163)

Com a disseminação da ideia de revolução por todo o continente não foi muito difícil para as autoridades pernambucanas encontrarem negros com ideia de liberdade fixa na cabeça, e para abafar o suposto levante foi mobilizado os Regimentos de Linha do Recife e o de Artilharia de Olinda. Exagerada ou não, a repressão havia deixado o aviso.

A autoridade das classes no poder precisava se fazer presente para evitar um alargamento da brecha de permissividade que havia sido aberta devido aos fatores que compilaram para que houvesse tanto espaço para a manifestação de revoltas de negros e escravos. A violência exercida contra os homens de cor ao menor sopro de rebeldia



era reflexo do medo presente no seio da elite proprietária. O medo de que a mesma violência fosse usada contra os brancos, assim como fizeram os negros e escravos do Haiti.

A sociedade brasileira do século XIX sabia que não estava em coesão, e como dito anteriormente, era durante as divisões entre os brancos que os negros encontravam espaço para agir, eles aprenderam a dinâmica do ditado "dividir para conquistar". A classe dominante tinha consciência desse fato e alguns discursos sobre o medo de uma revolução negra começaram a atentar para a união entre os brancos, mas as rivalidades políticas impediam e por isso sabiam do perigo que corriam por não se fazerem autoridades presentes, pois "no vazio cavado pela anulação da autoridade, vem alojar-se toda espécie de temores", assim, a origem do medo do homem negro vinha tanto de causas externas quanto internas.

Durante este período as revoltas ou apenas conspirações escravas eram violentamente sufocadas na tentativa de manter a ordem vigente sem maiores danos. Em 1817, durante a Revolução Pernambucana, muitos homens de cor viram no movimento de elite uma chance de melhorar sua condição social e se aliaram aos insurgentes. O movimento assistido pelo capitão de fragata José Maria Monteiro que afirmou que: "O exemplo da Ilha de São Domingos é tão horroroso, e está ainda tão presente, que ele só será bastante para aterrar os proprietários deste continente", e também pelo inglês William Bowles que afirmou que o engajamentos de negros e escravos ajudando os insurgentes poderia levar ao "estabelecimento de uma segunda São Domingos nos territórios brasileiros" (CABRAL; COSTA, 2012, p. 93).

O governador Luiz do Rego Barreto estava ciente da ameaça a qual via crescer em seus territórios e alertou o seu monarca dizendo que "apesar de não serem todos os negros os que abraçaram a causa



revolucionária fizeram de modo excessivo” que fizeram lembrar “com frequência as cenas de São Domingo (REIS, 2014, p. 96). Após violentas medidas de repressão tomadas pelo governador o movimento foi sufocado e com ele a ameaça de massacre aos brancos, e a partir de então, os negros “passaram a andar muito murchos, tirando o chapéu aos brancos e nas ruas apertadas passam para o meio para deixar passar os brancos (REIS, 2014, p. 96)”.

Assim como os negros viam nos movimentos da elite, que se dividia enquanto discursavam sobre a liberdade, uma forma de melhorar socialmente, via também no serviço militar a mesma oportunidade. E com o número de negros aumentando entre os soldados rasos, antes mesmo da conspiração de 1814 em Pernambuco povoar os pesadelos dos brancos, o governador Caetano Pinto Montenegro, temendo a posse de armas nas mãos de gente de cor, decide como medida preventiva reformar o aparato militar. Uma das reformas exclui a possibilidade de os terços de pretos e os de pardos serem comandados por oficiais de cor, com a reforma seriam comandados apenas por brancos (FRANÇA, p. 31).

Nesse comportamento adotado pela sociedade brasileira deixa transparecer quem de fato é o inimigo. Por este motivo, a elite tratou de domesticar o inimigo interno, mantê-lo sob constante vigilância, lembrá-lo constantemente através da dor que tinham que ser passivos e obedientes e eliminar com máxima eficiência os focos de rebeldia. Provavelmente, seguindo estes objetivos o governador de Pernambuco Caetano Pinto Montenegro proibiu o ajuntamento de pretos, principalmente durante a noite e aconselhou o ouvidor geral de Olinda Antônio Carlos Ribeiro Andrada a fazer o mesmo. Ao ser consultado sobre os festejos religiosos dos pretos em Olinda o governador responde:



O juiz e irmãos de N. S. do Rosário pediram licença a Vossa mercê, para saírem ao amanhecer de 17 para 18 do corrente com a bandeira da mesma Senhora pelas ruas dessa cidade [de Olinda], acompanhados por eles, e pelos irmãos da dita irmandade, com toques de instrumentos, zabumbas, clarinetos, fogo do ar, e Vossa mercê, deferiu-lhes como eles pediram. O exemplo da capitania da Bahia, cujo incêndio pela sua proximidade pode facilmente atear-se em Pernambuco; o desassossego que tivemos aqui o ano passado, e as suspeitas ainda não desvanecidas de um levante prometido nas Alagoas; exigem grande circunspecção, sobre ajuntamentos de escravos, principalmente de noite. [...] e fogo de artifício sabe Vossa mercê. que são proibidos por diversas leis. Recomendo, pois, a Vossa mercê e positivamente lhe ordeno que tenha a maior cautela em conceder estas licenças. (FRANÇA, p.27)

Uma das maneiras de comunicação entre os escravos eram as festas, que serviam de entretenimento para amansar as massas insatisfeitas como também era através das festas que a monarquia se fazia presente (CABRAL; COSTA, 2012, p. 97). Mas, a apropriação dos festejos para espalhar conversas sediciosas, boatos e planejar conspirações fizeram com que a proibição se tornasse mais uma medida preventiva em diversas regiões do Brasil.

Na Bahia, o terror da elite proprietária foi bem expressivo em 1814, o qual foi mencionado pelo governador Montenegro em sua resposta ao ouvidor geral de Olinda. O levante deixou os brancos pavorosos, pois por onde os rebeldes passavam gritando os já conhecidos versos "Morrão os marotos e caiado" iam deixando uma trilha de casas e fazendas incendiadas e moradores mortos. Estava impregnada na alma a persistência com que os negros avançavam em seu desejo de liberdade, e este consistia um dos maiores medos dos brancos (REIS, 2014, p. 95).

Segundo o Conde dos Arcos, o governador da Bahia, "os negros, furiosos contra os brancos, atacavam tão desesperados e cegos que só



cediam com a morte". Para os brancos era matar ou morrer, os comerciantes da Bahia não se agradavam com a forma branda com que o governador buscava o controle dos escravos e enquanto este condenava o excesso de força sobre os escravos rebeldes, os comerciantes o justificavam como necessário. Tirando os setores antiescravistas, a elite proprietária brasileira via com olhos de alívio as medidas preventivas e de repressão tomadas para manter a ordem social.

As falas dos homens da elite do século XIX, sejam elas alertando sobre a ações dos negros e escravos ou tomando medidas para contê-los deixam entrever o medo, a inquietação e o assombro que estes sentiram durante o período de constantes levantes e conspiração que compuseram o século XIX

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certo, a revolução haitiana se fez presente na voz e nos atos dos negros e escravos do Brasil, os quais se mostraram informados sobre os acontecimentos nacionais e internacionais.

No Brasil, não houve nenhum movimento que se assemelhasse ao de São Domingo, pois lhe faltava as condições necessárias para isso, o que leva a acreditar que o medo de uma revolução negra que assombrou a elite proprietária do século XIX foi mais ideológico do que concreto. Não significa dizer que as revoltas e conspirações ocorridas não despertassem preocupação, uma vez que o desejo dos escravos era replicar o exemplo haitiano. Revolução possível ou não, o haitianismo fez com que as autoridades endurecessem a repressão aos escravos e tomassem algumas medidas de controle como a vigilância constante e suspensão dos momentos de confraternização como festejos e folgas como meio de prevenir o alastramento revolucionário,



assim como impulsionou as elites as tomaram para si os rumos da independência e conduzir a construção do estado nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andreia Firmino. Reflexões sobre a escravidão no Brasil (1810-1830). *Revista Facitec*, V.5, Nº 1, Art. 5, 2010.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites. Século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 28.

CABRAL, Flavio José Gomes. *Paraiso terreal: a rebelião sebastianista na serra do Rodeador*. Pernambuco, 1820. São Paulo: Annablume, 2004,

_____. *História da escravidão em Pernambuco/ organizadores: Flavio José Gomes Cabral, Robson Costa*. Recife: Universitária da UFPE. 2012.

CARVALHO, Marcus. Rumores e Rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife. *Revista Tempo*. V.3, n. 6. 1998.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800. Uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

FRANÇA, Wanderson Édipo. *Serviço das Armas, as gentes do povo e os escravizados: Pernambuco na época da independência (1817-1824)*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2014.

MOTT, Luiz. A revolução dos negros do Haiti e do Brasil. *Revista Questões & Debates*, Nº 4, Curitiba, 1982, p.55-63.



NISHIKAWA, Reinaldo. O Haiti não é aqui: Discurso antiescravista e práticas escravistas no Brasil (1790-1846). *Revista METIS: História & Cultura*, v.4. n. 7, p.11-33.2005.

NASCIMENTO, Washington Santos. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791-1840). *Revista de Ciências Humanas-Especiarias*, v.10, n.18.2007.

_____. "São Domingos, o grande São Domingos". Repercussão e representações da revolução haitiana no Brasil escravista (1791-1840). *Revista Dimensões*. Vol.21. 2008.

REIS, João José, Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil, *Revista USP*. São Paulo, 1996,

_____. Há duzentos anos: a revolta escrava de 1814 na Bahia. *Revista Topoi*, vol. 15, n. 28, Rio de Janeiro, 2014, p. 96.

_____. "Nos achamos em campo a tratar de liberdade": a resistência escrava no Brasil oitocentista. *Revista Projeto Raça, Desenvolvimento e Desigualdade Social*, UFB, p. 7.

SOARES, Carlos Eugenio; GOMES, Flavio. *Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista: outras margens do Atlântico negro*, 2008.

_____. "Com o pé sobre um vulcão": Africanos Minas, Identidades e a Repressão Antiafricana no Rio de Janeiro 1830-1840. *Revista Estudos Afro*.